

Uma escola sob o signo da indústria, às margens da mineração, nas ruínas do agronegócio

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i3.39380>

 **Magno Ricardo Silva de Carvalho**

Geógrafo pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorando em Geografia na Universidade Estadual Paulista. E-mail: magno.ricardo9@gmail.com

Você certamente já presenciou algum amigo chorando depois de concluir e apresentar o famigerado TCC ou congênere. Se você já concluiu um curso superior, provavelmente já foi o amigo que chorou de alívio, felicidade, e orgulho de si após ouvir de uma banca um sonoro “aprovado”. Sim, é absolutamente comum e aceitável que essas lágrimas apareçam nesse momento. Há quem diga, inclusive, que incomum é se elas não aparecerem. Mas, e durante a “defesa”, enquanto ouve e responde às arguições da banca, você já viu? Não, né?! Nem eu... até porque quando aconteceu meus olhos cheios d’água não me permitiram ver nada.

O ano era 2016, e eu um graduando em geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) ansioso pelo encerramento daquele ciclo e para saber o que me reservava a vida depois dele. Minha monografia era sobre a produção da cidade a partir das ocupações, era sobre favelas (temática escolhida só por causa de uma letra do Chico Science, mas isso é uma outra história...).

Em Marabá há muitos bairros desse tipo. Elegemos, eu e meu orientador, um com um nome um tanto diferente. Eu não disse que é uma palavra diferente, ao contrário, talvez seja uma das palavras mais famosas do mundo... mas só nessa cidade amazônica ela dá nome a um bairro: “Coca-Cola”, ou apenas “Coca”, para os mais chegados. Esse nome, que apesar de não ser o oficial ainda é muitíssimo utilizado, foi dado por conta da proximidade da entrada da ocupação em seu início, com um prédio onde já funcionou uma fábrica da Coca-Cola e onde, ainda hoje, é uma distribuidora da marca. Era a “invasão da Coca-Cola”.

No período da pesquisa eu, diligente aspirante a geógrafo, estava sempre por lá nos meus quase intermináveis trabalhos de campo. Fosse aplicando as dezenas de formulários nas casas, fotografando ou conversando com as pessoas. Queria entender todo o processo de transformação de uma antiga fazenda improdutiva em espaço de habitação, e como as necessidades das pessoas desse espaço eram supridas.



Em uma dessas conversas com uma moradora pioneira, ela me contou sobre como era a escola no bairro, onde ela inclusive trabalhou. Me disse que por anos, o espaço reservado para ensinar os pequenos era em uma instalação construída a partir do que restou do curral da antiga fazenda. Sim, a escola funcionava na estrutura do antigo aprisco leiteiro da fazenda que precedeu o bairro. Segundo o relato, as paredes eram de madeirite e o teto de zinco. Só de imaginar um teto de zinco em Marabá eu já cozinhei um pouquinho. Nos dias mais quentes, pais e mães jogavam água com mangueiras para amenizar o calor de professores e alunos, contou.

Ela me contou também que a carência de ter uma escola no bairro se dava por vários motivos, os principais eram a distância das escolas da cidade, e o fato das crianças terem de atravessar diariamente os trilhos da Vale, o que era perigoso, já que o trem passava várias vezes ao dia levando embora da maior província mineralógica do planeta, quantidades exorbitantes do melhor minério de ferro do planeta. Reaproveitar o curral foi tudo o que conseguiram fazer para ter um espaço para ensinar as crianças. Na ocasião, o máximo que o governo municipal fez foi disponibilizar a transferência de profissionais da secretaria de educação que moravam no bairro.

Aquela história me tocou profundamente. Porém, eu não perguntei ou não lembrava se a moradora havia dito algo sobre a existência dessa estrutura naquele momento, se ainda existia esse curral com paredes de madeirite e teto de zinco. Àquela altura, a escola já funcionava em um prédio decente (que bom!).

Certo dia – enquanto cumpria as obrigações da pesquisa de campo e desafiava o relevo ladeiro, o cansaço e a poeira que pairava sobre o bairro – me deparei com uma “construção” um tanto excêntrica, com aparência de abandonada que me remeteu à história. Como minha quase certeza não era suficiente, perguntei para alguns moradores e tive a confirmação, era a tal “escola-curral”. Não me contive em olhar por fora, tive que dar um jeito de entrar. Quando adentrei, o que vi me atravessou mais fortemente que a história que eu havia escutado.

O novo prédio da escola, com o mínimo de dignidade, muito provavelmente foi inaugurado no período dos festejos juninos, pois a pequena escola improvisada foi abandonada completamente enfeitada. Sob muita poeira e teia de aranha, e sobre paredes de tapume pregados em uma tradicional estrutura de curral, era possível ver em cada correntinha de papel de jornal, em cada bandeirinha de revista, em cada balão de cartolina e nos resquícios de papel 40kg em que ainda era possível identificar trechos de Luiz Gonzaga, o cuidado e dedicação das professoras para transformar aquele lugar insalubre e extremamente inadequado, em uma escola, para levar algo de lúdico para aquelas crianças já tão maltratadas pela realidade imposta.

Chorei. Por pensar nas condições em que crianças estudavam, por pensar na resiliência dos profissionais que ali trabalhavam... Aquela tentativa de beleza no horror, aquele esforço de manter e ensinar uma brasilidade para quem e onde o Brasil não deu nada – nem o nome –, me lembrou,

ainda que com toda a distância e tomadas todas as devidas proporções, “A vida é bela” de Benigni. Talvez para aquelas crianças, em alguns momentos, a vida fosse mesmo. E com certeza para aquelas “tias” era extremamente difícil tentar fazer com que ali houvesse beleza. Parafraseando Euclides da Cunha, o professor brasileiro é, antes de tudo, um forte.

Obviamente, eu não poderia ignorar essa história e a coloquei no texto. Segui trabalhando na pesquisa, até que chegou o tão esperado dia da “defesa”. Eu estava preparado para “me defender” de tudo, para ouvir quaisquer críticas e perguntas por parte da banca, eu só não queria uma coisa: que tocassem no assunto da escola-currículo. O motivo? Porque aí o choro seria certo. E você sabe, “homem não chora”, e se chora é só depois do “aprovado”.

Não coloquei nada a respeito na apresentação, mas a história não atravessou só a mim. Uma professora fez questão de mencioná-la acompanhada de uma pergunta da qual não me recordo e que muito provavelmente a voz embargada e as lágrimas responderam por mim. Ah, e depois do “aprovado” eu não chorei. Vai entender...

Recebido em 26-10-2022
Modificado em 18-03-2023
Aceito para publicação em 07-04-2023